

REAÇÕES ÀS COLOCAÇÕES DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR



**ANTÓNIO RENDAS**  
Presidente do CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas)

## CRUP quer mais alunos estrangeiros

Presidente do conselho de reitores defende criação do Estatuto do Estudante Internacional.

Os reitores querem captar mais alunos estrangeiros para as universidades portuguesas, logo na primeira fase do concurso de acesso ao ensino superior, e por isso defendem a necessidade de um Estatuto do Estudante Internacional. “Esperamos que para o ano, em simultâneo com o concurso nacional de acesso, haja também a possibilidade de haver estudantes internacionais”, declarou António Rendas, presidente do CRUP.

Quanto ao aumento das vagas que não foram preenchidas nas universidades em relação ao ano passado, António Rendas desvalorizou o facto afirmando tratar-se de uma diferença “residual”, embora acrescentando que é preciso “estar atento”.

“O que é preocupante é que o despacho das vagas deste ano não atendeu a algumas preocupações das universidades, como seja o Estatuto do Estudante Internacional”, lamentou. Para Rendas perdeu-se também uma “grande oportunidade” de fazer “alianças verdadeiras e concretas”, no sentido de “potenciar a oferta formativa a nível regional”. ■



**CARLOS MATIAS RAMOS**  
Bastónario da Ordem dos Engenheiros

## Engenharia foi desvalorizada

Bastónario da Ordem dos Engenheiros diz que o poder político fez da construção o cancro da crise.

A fraca procura pela engenharia deve-se à criação como cogumelos de cursos com o nome de engenharia, resumiu o bastónario da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos. O bastónario defendeu, em declarações à TSF, que a situação resulta da “desvalorização total da engenharia por parte do poder político” e do “sentimento de que a construção civil foi o cancro da crise” económica. “É evidente que houve erros grandes, mas os erros são políticos, não são erros de engenharia, porque a decisão é sempre política”, acrescentou.

Cresceram cursos de engenharia “sem uma estruturação adequada, e sem uma forma inteligente de desenvolver cursos que atraíam, que tenham empregabilidade fácil e sejam reconhecidos pela sociedade, forçosamente a oferta será muito superior à oferta”, disse ainda Carlos Matias Ramos.

As engenharias tiveram, este ano, um aumento das vagas em cerca de 100 lugares, mas para os 9022 disponíveis apenas 5.904 alunos colocaram as engenharias como principal preferência e conseguiram colocação 5.596. ■



**JOAQUIM MOURATO**  
Presidente do CCISP (Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos)

## Descida já era esperada

Politécnicos tiveram menos 6% de colocações, o que equivale a um total de 10.285 vagas por preencher.

A descida de 6% das colocações nos institutos politécnicos já era esperada, diz o presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), Joaquim Mourato, acrescentando que a mesma é “pouco significativa” e convém não esquecer que haverá ainda mais duas fases de acesso ao ensino superior.

Na 1.ª fase do concurso nacional deste ano, foram preenchidos 55% dos lugares disponíveis nos institutos politécnicos, sobrando 10.285 vagas, um número superior às 9.439 que ficaram por ocupar em 2012.

Joaquim Mourato sublinha ainda que a descida nas colocações nos politécnicos segue a quebra verificada a nível nacional. “Os resultados confirmam as expectativas que já tínhamos, nomeadamente depois da saída do despacho do secretário de Estado do Ensino Superior sobre a fixação de vagas e reorganização da rede de ensino superior”, referiu o responsável, que lamentou que nesta decisão não tenham sido incluídas “quaisquer propostas apresentadas pelo CCISP, que teriam, certamente, um impacto positivo”. ■



**LUÍS RETO**  
Reitor do ISCTE-IUL

## Reorganização precisa-se

A falta de alunos no politécnico e privado vai obrigar a um redimensionamento da rede de ensino superior.

Com a segunda mais elevada taxa de vagas ocupadas (92%), o reitor do ISCTE - IUL considera que nas universidades públicas as colocações registadas este ano têm resultados muito semelhantes aos que se registaram no ano passado. Luís Reto reconhece que as colocações nos politécnicos “foram um desastre”. Com apenas 45 % das vagas preenchidas terá que haver “algum redimensionamento que poderá passar por articulações com as universidades”, diz.

O reitor do ISCTE admite que alguns poderão fechar e outros terão que especializar-se. Mas há também casos de universidades que terão o mesmo problema. Na Universidade do Algarve apenas 53% das vagas foram preenchidas.

Mas, no seu entender, há que aguardar pelos resultados da 2ª fase de candidaturas. Já quanto ao efeito destes resultados nos estabelecimentos do ensino superior particular e cooperativo prevê que “haverá alguns problemas como a falta de alunos” agravada pela possibilidade de encerramento de alguns cursos quando o ciclo de avaliação da Agência de Avaliação e Acreditação estiver terminado. ■